

FÁTIMA REGINA CARDOSO DE CASTRO

DANÇAS CIRCULARES E BRINCADEIRAS CANTADAS:

UM RECURSO LÚDICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

BATATAIS

2010

FÁTIMA REGINA CARDOSO DE CASTRO

**DANÇAS CIRCULARES E BRINCADEIRAS CANTADAS:
UM RECURSO LÚDICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário
Claretiano para obtenção do título
de especialista em: Pedagogia.**

Orientador: Prof^o Edson Renato Nardi

BATATAIS

2010

FÁTIMA REGINA CARDOSO DE CASTRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Claretiano para obtenção do título de especialista em Pedagogia. Orientador: Prof. Edson Renato Nardi.

DANÇAS CIRCULARES E BRINCADEIRAS CANTADAS: UM RECURSO LÚDICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Orientador: Edson Renato Nardi

Examinador(a): Mecira Rosa Ferreira

Batatais, 06 de Novembro de 2010.

RESUMO

As danças circulares (ou danças de roda) e as brincadeiras cantadas constituem um recurso criativo, fundamentado no aspecto lúdico, capaz de desenvolver habilidades nos educandos, especialmente através de aulas de Artes e de Educação Física (disciplinas integrantes do currículo da educação básica). Podem ser trabalhadas independentemente ou de forma transdisciplinar/multidisciplinar. Devido aos múltiplos aspectos apresentados pelas danças circulares e pelos brinquedos cantados, como a regionalidade, a tradição, o folclore, a musicalidade e outros, apresentam-se como um excelente recurso para o desenvolvimento da capacidade criativa, da sociabilização e do desenvolvimento cognitivo, proporcionando um recurso capaz de conferir uma educação integrativa.

Palavras-chave: Danças Circulares. Brincadeiras Cantadas. Educação. Cultura. Transdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Independentemente de trabalharmos com as danças circulares ou com os brinquedos cantados, estaremos indistintamente trabalhando com o movimento. Segundo STRAZZACAPPA, *“O indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificamente através do movimento”* (p. 69). Sendo assim, não importa a atividade que esteja sendo realizada, ele (o indivíduo) estará se movimentando a todo o momento. Dentro do contexto escolar, vimos que a expressão do movimento se restringe às aulas de Educação Física e aos horários de recreio. Dessa forma, a ludicidade fica restrita às aulas de Artes ou mesmo de Educação Física, sendo muitas vezes considerada uma atividade de menor importância, eventualmente tomada por supérflua, em detrimento das atividades ditas “racionais”. Por que não usar, entretanto, recursos lúdicos dentro de disciplinas de teor mais “científico”? Por que não utilizarmos a idéia de transdisciplinaridade visando à integração de conteúdos e recursos que proporcionam uma educação integrativa e holística?

Devemos pensar como os alunos, no ambiente escolar, são submetidos à imobilidade do corpo na maioria das disciplinas. Segundo Freinet¹, a criança tem necessidade de pular, saltar, sujar-se, de agir e de criar; colocá-la de forma estática, neste ambiente tradicional escolar, o condena a aprender (quando isto acontece) de forma pouco atrativa e prazerosa. Além disso, proporcionar a brincadeira dentro do universo escolar é possibilitar aquisições de novas formas de aprendizagem, desenvolvendo novas habilidades nos educandos.

DESENVOLVIMENTO

I – Dança

“A dança é considerada uma das formas mais antigas de manifestação da expressão corporal. Nasceu e teve seu desenvolvimento à medida que o ser humano sentiu a necessidade de se comunicar e se expressar, sendo as primeiras danças de cunho imitativo, nas quais os dançarinos simulavam os acontecimentos que viessem a ser realidade (GASPARI, 2004, p. 139)”.

Dança, em seu sentido literal, é a *“arte e técnica de seguir ritmos com o corpo”* (HOUAISS, 2001, p. 119). Para Maria Fux, o corpo, quando se expressa no espaço, realiza sequências que são seu universo. O homem é um universo em miniatura (1983, p. 95), sendo assim, ele se move, trazendo de seu íntimo um ritmo que expressa tudo aquilo que ele vive e

sente. O conhecimento deste ritmo pode ajudar cada ser a expressar suas angústias, medos, alegrias e demais emoções e estas demonstrações permitiriam que especialistas reconhecessem e interpretassem uma profunda linguagem, onde o corpo é seu maior representante; a partir daí pode-se expressar um mundo interior repleto de movimentos, sem palavras, caracterizando assim uma linguagem não-verbal. *“As expressões não-verbais, como a música, a dança e os gestos, surgem da necessidade de evocar e reeditar os vínculos materno-fetais, materno-infantis e com a natureza, como desdobramento do mesmo”* (BENENZON, 1988, p.08).

Conhecendo o corpo, aprendemos a reconhecer potenciais adormecidos que se transformam, ao se movimentar, numa linguagem não-verbal, capaz de produzir mudanças positivas e significativas, não somente corporais, mas também psíquicas. Segundo Atte Mabel Bottelli², *“[a dança] é um ótimo recurso para desenvolver uma linguagem diferente da fala e da escrita, aumentar a sociabilidade do grupo e quebrar a timidez”*. Mais que um exercício, é a experimentação do movimento favorecendo a expressividade no corpo.

Quando falamos de dança não queremos nos referir a uma técnica específica e sim à busca de um recurso expressivo, capaz de exteriorizar nossa comunicação e emoção através de gestos e atitudes.

II – Danças Circulares: o que são?

Sob o impulso da alegria, o homem gritou. O grito transformou-se em palavras, mas estas ainda não foram suficientes e o homem modulou as palavras em canto; em seguida, imperceptivelmente, movimentou-se junto com o canto, até que, de repente, traduziu em dança a alegria da vida.

Confúcio (551-479 a. C.)

Nas danças de roda ou danças circulares temos, além do resgate folclórico, a expressão corporal, a harmonia, a sociabilização, a religação com o sagrado e o vivenciar do círculo. Ao pensarmos em danças circulares, podemos dizer que *“no rito, a dança de roda é a representação simbólica dos movimentos das rodas celestes em suas voltas, para cima e para baixo, na medida em que reflete, no pequeno, a circulação da vida sobre a terra”* (WOSIEN, 2002, p. 15).

As danças circulares sempre estiveram presentes em diversas culturas, em todas as partes do mundo. Alguns artistas e bailarinos tiveram o trabalho de reuni-las e divulgá-las,

entre eles, citamos: Bernhard e Gabrielle Wosien (Alemanha); George Gurdjieff (Rússia); Samuel Lewis (América do Norte) e Anastácia Geng (Letônia).

Bernhard Wosien, coreógrafo e bailarino, reuniu, nos anos 70, danças de várias regiões da Europa, ministrando em 1976 o primeiro seminário para ensino de danças folclóricas, na comunidade de Findhorn (Escócia). A Findhorn Foundation passa então a ser o centro de divulgação das danças circulares sagradas, tendo hoje, como coordenador, Peter Vallance. Sua filha, Gabrielle, trilhando o mesmo caminho do pai, passa a também a divulgar as danças circulares sagradas pelo mundo.

George Gurdjieff reuniu danças que faziam parte das antigas escolas do Oriente, mediante pesquisas das tradições da Ásia Central.

Samuel Lewis desenvolveu um trabalho conhecido como *danças da paz universal*, baseando-se no canto de mantras e na meditação associados aos movimentos de danças.

Anastácia Geng criou a dança das plantas curativas, como recurso de cura através da energia das plantas.

No Brasil, em 1995, as danças chegam através de Anna Barton, na comunidade de Nazaré Paulista (SP). Anna, na época diretora do departamento de danças circulares sagradas de Findhorn, oferece várias oficinas em São Paulo, Salvador e Belo Horizonte. A divulgação destas danças contribuiu para que os brasileiros passassem a resgatar as suas próprias danças e cantos, ou seja, sua cultura.

A cada encontro, as pessoas descobriam o poder de cura das danças e percebiam sua simplicidade e leveza beneficiando os participantes da roda. Um são alegres, energizantes, outras são meditativas, introspectivas. Cada uma com seu simbolismo, sua melodia, seu ritmo, seus gestos, seu poder, cada uma atuando na transformação de estados emocionais e físicos, buscando sempre o bem estar e a melhoria da qualidade de vida. (MORALES E VOLTOLINI, 2007)

Lembramos que as Danças Circulares Sagradas têm como objetivo o vivenciar da cultura de outros povos através de sua prática. Isto representa um mergulho em seus rituais, suas crenças e características únicas, presentes em cada cultura.

As danças circulares são expressas como forma de encontro do indivíduo com suas tradições, impulsionado pela vivência ou pelo caráter curioso da representação por outra cultura. Podemos dizer que, em seu aspecto mais genérico, caracterizado pela denominação de danças étnicas, as danças circulares são manifestações de determinados povos ligadas a atributos

religiosos, ou mesmo divinos, possuindo características que identificam uma região ou uma nação.

Sua prática apresenta inúmeros benefícios, entre eles: resgate da auto-estima; ampliação da percepção; sociabilização; cooperação e apoio mútuo; desenvolvimento da musicalidade individual e grupal; aceitação do outro; equilíbrio físico, emocional, mental e espiritual; ajuda no combate do stress e da depressão; lateralização e concentração, apenas para citar alguns.

“A roda, feito espiral em movimento circular ascendente, une todos, e o seu movimento a cada volta modifica o desenho do cotidiano, da prática pedagógica, integrando papéis e histórias, incorporando diferenças” (OSTETTO, 2009, p. 182).

A diferença entre as danças circulares e as danças de roda reside no fato de que, embora ambas se processem em círculos, as primeiras apresentam uma simbologia característica, tendo uma ligação com *religio*, com a manifestação divina; enquanto que as segundas se apresentam de forma lúdica, retratando o folclore e a tradição, explorando muitas vezes o simples “brincar” ou mesmo estruturas bem coreografadas.

Nesse artigo, utilizo apenas o nome “danças circulares”, pois o que apresenta real importância no processo descrito é seu vivenciar dentro da sala de aula, proporcionando a alegria no interagir e no dançar simplesmente.

“Então na roda, por meio da dança e do corpo, se estabelece algum tipo de equilíbrio entre nossas energias. Além disso, as danças circulares ainda trazem bem-estar individual, alegria e cura, e são também instrumentos para meditação e a harmonização”. (LORTHOIS, 2008, p. 132)

III – Brincadeiras cantadas

Falaremos primeiramente sobre o brincar. *“O ato de brincar em si, geralmente não exige um brinquedo, que seja um objeto tangível, pode acontecer como jogos simbólicos (faz-de-conta)”*³. A brincadeira, então, assume a execução do brincar. Ela pode ser tanto individual quanto coletiva, sendo um excelente recurso de comunicação nas relações sociais. Platão foi o primeiro teórico a apresentar estudos sobre o lúdico e suas influências na educação.

Por meio da brincadeira, a criança exterioriza suas percepções e sensações diante do ambiente e da sociedade em que está inserida. No faz-de-conta, ela experimenta condutas, movimentos e fantasias que se articulam com seu mundo real. O brincar é essencial, não somente para a criança, mas também para o adulto, pois gera benefícios à sua saúde física, intelectual e

emocional; por meio deste recurso surge um novo significado para suas ações e emoções, reinventado sua realidade.

Com tristeza, começo a falar das brincadeiras cantadas, pois elas vêm perdendo espaço para os brinquedos prontos, para a televisão e para outras formas de brincar “artificiais”. Falar delas é relembrar, muitas vezes, das brincadeiras da nossa infância.

“As brincadeiras cantadas são entendidas como formas lúdicas de brincar com o corpo a partir da relação estabelecida entre movimento corporal e expressão vocal, na forma de músicas, frases, palavras ou sílabas ritmadas. Integram a cultura popular ou fazem parte das criações contemporâneas, representando uma possibilidade de potencializar o “lúdico” no contexto educacional, manifestadas ora pelo ludus (comum na condução sistematizada das brincadeiras, por exemplo, quando elas são ensinadas e explicadas) ora pela paidia (geralmente presente nas atividades não-diretivas, como um laboratório de criação, por exemplo)”. (LARA, PIMENTEL E RIBEIRO, 2005).

Quem não se lembra de brincadeiras cantadas como: “Tindolelê”; “Lagarta Pintada” ou “Ciranda, Cirandinha”, entre outras!? Esta última, aliás, uma das mais populares e talvez uma das únicas que ainda prevaleçam nas tradições da infância dos dias atuais. Embora sejam menos comuns para nossa geração, nossos avós, pesquisadores ou “mestres” populares de regiões afastadas, certamente se lembrarão destas e de tantas mais...

Na cultura popular elas são a manifestação da dança (como movimento), da música, da poesia no contexto lúdico, estas últimas passadas de geração a geração como tradição oral. Normalmente estas brincadeiras são ricas de elementos que traduzem nossa história e a origem do nosso povo; brincadeiras de origem européia (particularmente a portuguesa), indígena, africana etc.

Como exemplo, a brincadeira cantada: “Piaba”:

“Sai, sai, sai, ô piaba⁴, saia da lagoa

Põe uma mão na cabeça e a outra na cintura

Dá um remelexo no corpo

Dá uma umbigada na outra”

“Sugestão de como brincar: Ficam todos em roda. Uma pessoa vai ao centro da roda fazendo gestos que a música sugere até escolher alguém para umbigar; então a escolhida fica no centro da roda. (...) o Batuque de umbigada é uma dança de

manifestação afro-brasileira e está em extinção no Brasil. Resiste com esta tradição alguns poucos grupos das cidades de Tietê e Piracicaba, no estado de São Paulo”.
BAUMGRATZ, 2004, p. 56)

Segundo BALIEIRO⁵, muitas das cantigas populares e de roda foram criadas por crianças, pois apresentam palavras vazias de significado ou frases sem conexão lógica interna (tanto do ponto de vista léxico quanto semântico), embora possuam uma função linguística importante na brincadeira, sem falar no ritmo e na melodia da música. Ao contrário dos adultos, as crianças usam a linguagem de maneira livre, sem a preocupação de transmitir informação coerente; por essa razão, vemos muitas brincadeiras cantadas divertidas e alegres que não possuem sentido, mas que passam a ser executadas com frequência, sendo transmitidas às gerações seguintes e absorvidas pela tradição popular.

Quem nunca presenciou uma criança por volta de 3 anos brincando com os sons, formando palavras sem sentido, rindo ao pronunciá-las, justamente por não apresentarem significado específico?

A valorização da cultura popular encontra respaldo em teóricos importantes, nos trabalhos de pesquisa e na perpetuação do resgate das brincadeiras de caráter folclórico. Destacamos o músico e educador húngaro Zoltán Kodály e os brasileiros: Mário de Andrade, Villa-Lobos e Câmara Cascudo.

Recolhida por Câmara Cascudo, em seu livro: “Contos tradicionais do Brasil”, *A História da Caveira*, vêm a seguir:

“Quando o relógio bate a uma
Toda caveira sai da tumba
Tumba lá catumba Tumba lá ca tá
Tumba lá catumba Tumba lá ca tá
Quando o relógio bate as duas
Todas as caveiras pintam as unhas
Quando o relógio bate as três
Todas as caveiras jogam xadrez
Quando o relógio bate as quatro
Todas as caveiras amarram os sapatos
Quando o relógio bate as cinco
Todas as caveiras colocam um brinco

Quando o relógio bate as seis
Todas as caveiras imitam chinês
Quando o relógio bate as sete
Todas as caveiras mascam chiclete
Quando o relógio bate as oito
Todas as caveiras comem biscoito
Quando o relógio bate as nove
Todas as caveiras descem e sobem
Quando o relógio bate as dez
Todas as caveiras fritam pasteis
Quando o relógio bate as onze
Todas as caveiras andam de bonde
Quando o relógio bate as doze
Todas as caveiras fazem pose
Quando o relógio bate a uma
Todas as caveiras voltam para tumba
Tumba lá catumba Tumba lá ca tá
Tumba lá catumba Tumba lá ca tá”⁶

IV – Danças circulares e brincadeiras cantadas como recurso lúdico do ensino na educação básica

Nos capítulos anteriores descrevemos as danças circulares e as brincadeiras cantadas. Por serem de caráter lúdico, estas atividades passam a ter uma dimensão prazerosa, alegre e sensível no contexto escolar. Ao pensarmos na questão da sensibilidade, entendemos que ela deva ser estimulada, provocada, desenvolvida, não ensinada.

Ambas as atividades poderão ser trabalhadas de forma individual ou transdisciplinar/multidisciplinar, agregando disciplinas ou dialogando com as mesmas, podendo ser trabalhadas em conjunto com Artes, Educação Física, História e Geografia, Matemática, educação ambiental, cultura e mesmo a Língua Portuguesa. Por exemplo, numa atividade de História e Geografia pode-se executar uma dança circular israelita ou grega e depois serem discutidos conceitos referentes à cultura e a região destes povos.

Devemos pensar na educação em seu sentido holístico, no caráter integrativo. Segundo MORALES e VOLTOLINI (2007), “a educação integral visa o desenvolvimento da pessoa de

forma global, isto é, de seus aspectos intelectuais, sociais, emocionais, físicos e até mesmo espirituais, girando em torno sempre das relações; relações com o conhecimento, com o professor, com o ambiente, buscando o crescimento, a descoberta, o envolvimento com o mundo”.

Assim sendo, a educação deve apresentar o sentido de conexão, atribuindo ligação entre as disciplinas, integrando partes num todo, atrelando, ainda, à dimensão educativa, a cidadania e a espiritualidade. Pensando na transdisciplinaridade como dimensão transcultural, podemos dizer que ela é capaz, inclusive, de contribuir com a ética, gerando atitudes como a solidariedade e o respeito pelas diferenças.

A educação básica corresponde à educação infantil e ao ensino fundamental. A LDB 9396/96 prevê a *Arte* como disciplina obrigatória e, segundo as PCN's do mesmo ano, a disciplina de Artes passa a ter uma dimensão maior, incorporando a dança, a música, o teatro e as artes visuais. Neste contexto, da expressão do movimento, seja pela dança ou pela música, incluem-se as danças circulares e as brincadeiras cantadas, as quais passam a ser um recurso de aprendizagem.

A ludicidade está presente nos *Direitos da Criança*⁷, oferecendo a ela a possibilidade de entregar-se às atividades recreativas e aos jogos, sob orientação educacional. Cabe à sociedade e aos poderes públicos o esforço no favorecimento do exercício deste direito.

CONCLUSÃO

Pensar de forma integrativa é verificar o indivíduo em seu todo, unindo partes fragmentadas, dissociadas, numa junção de corpo, mente, espírito e consciência. Neste sentido, este trabalho nos ajuda a compreender que o lúdico tem capacidade integradora, unindo partes no todo, proporcionando uma aprendizagem global e holística. A ludicidade proporciona o desenvolvimento cognitivo, favorecendo a criatividade através da imaginação e da sensibilidade, a aceitação das diferenças e proporcionando o exercício da cidadania e o cumprimento da ética, aspectos tratados nas PCN's e na LDB.

Ressalta a importância do recurso transdisciplinar/multidisciplinar no trabalho das danças circulares e brincadeiras cantadas, alinhavando os conteúdos das disciplinas de “teor mais científico” com as disciplinas de “caráter mais lúdico”, como as Artes e Educação Física.

Assim, as atividades lúdicas com finalidades pedagógicas, possibilitam a alegria e a descoberta na sala de aula. Tem papel de grande importância nas fases da infância e da

adolescência, pois é neste período que há certa resistência quanto à escola e ao ensino, por serem geralmente considerados pouco atrativos e prazerosos. Devemos pensar que o brincar favorece a criatividade a partir de uma leitura mais sensível do mundo. O lúdico proporciona a compreensão e assimilação de conceitos de forma mais eficaz, pois parte da vivência da alegria e da espontaneidade.

Trabalhos desenvolvidos com estes recursos, como as danças circulares e brincadeiras cantadas, proporcionam ainda, dentro da realidade educacional, a vivência do multiculturalismo, possibilitando o respeito pelas diferenças étnicas e culturais.

Outros trabalhos poderão ser desenvolvidos pensando na importância da formação do educador na área da ludicidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Paulo. Dança na escola: uma educação pra lá de física. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/pratica-pedagogica/danca-escola-educacao-para-la-fisica-424014.shtm>>. Acesso em: 19 de ago. 2010.

BAUMGRATZ, Jaqueline (Org.). Rodas e Brincadeiras Cantadas. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 2004.

BENZON, Rolando. Teoria da Musicoterapia – Contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal. Tradução de Ana S. M. De Uricoechea. São Paulo: Summus, 1988.

Brincadeira. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Brincar> >. Acesso em: 16 de agosto de 2010.

DARIDO, S. C. MAITINO, E. M. (Orgs.). Pedagogia cidadã: cadernos de formação – Educação Física. São Paulo: UNESP/Pró-reitoria de Graduação, 2004, p. 139-158.

FREIRE, Ida Mara. Dança-educação: o corpo e o movimento no espaço do conhecimento. Cad. CEDES, Campinas, v. 21, n. 53, abr. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 13 ago. 2010.

FUX, Maria. Dança, experiência de vida. Tradução de Norberto A. e S. Neto. São Paulo: Summus, 1983.

GASPARI, T. Atividades rítmicas e expressivas nas salas de Educação Física. In: LARA, Larissa M.; PIMENTEL, Giuliano G. de A. e RIBEIRO, Deiva M. D. Brincadeiras cantadas: educação e ludicidade na cultura do corpo. Buenos Aires: Revista digital, ano 10, n. 81, fev. 2005.

Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd81/brincad.htm> >. Acesso em: 18 ago. 2010.

LORTHIOIS, Céline. Exercício da pedagogia profunda: uma inclusão da alma na educação. São Paulo: Paulus, 2008.

MORALES, Renata V. e VOLTOLINI, Angélica G. As danças circulares como instrumento de sensibilização ambiental. Disponível em:

<<http://www.amigosdanatureza.org.br/noticias/358/trabalhos/388.dancascirculares.pdf>>. Acesso em 19 ago. 2010.

OSTETTO, Luciana E. Para encantar, é preciso encantar-se: Danças Circulares na formação de professores. Cad. CEDES, Campinas, v. 30, n. 80, abr. 2010. Disponível em:

< <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n80/v30n80a04.pdf> >. Acesso em 03 de agosto de 2010.

_____. Na dança e na educação: o círculo como princípio. *Educ. Pesqui.*, Abr 2009, vol.35, no.1, p.177-193. Disponível em: < <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/> >. Acesso em: 08 set. 2009.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. Cad. CEDES, Campinas, v.21, n. 53, abr. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 ago. 2010.

WOSIEN, Maria-Gabriele. Dança: Um Caminho para a totalidade. São Paulo: Triom, 2000.

Notas

¹ FREINET apud SCARPATO, 2001, p. 61

² Professora da Faculdade Angel Viana e da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

³ Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Brinquedo>>

⁴ Piaba em tupi significa, “pele manchada”. Refere-se a diversas espécies de peixes fluviais.

⁵ BAUMGRATZ, Jacqueline. Rodas e Brincadeiras cantadas. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 2004, p. 07.

⁶ “Histórias cantadas. Fazem parte da tradição oral brasileira. Já foram muito utilizadas por duplas caipiras, cantando fatos do cotidiano. Como lidam com o medo, a graça e o encantamento, elas atingem em cheio o imaginário infantil. Criam integração entre o público e o contador/cantador” (BAUMGRATZ, 2004, p. 58).

⁷ Declaração universal dos direitos da criança – ONU (20/11/1959)